

**Resenha**

**La Realidad Metafísica de Franz Kafka**

ISAACSON, José. *La Realidad Metafísica de Franz Kafka*. Buenos Aires: Corregidor, 2005. p. 232. ISBN 950-05-1580-6.

José Valdir Teixeira Braga Filho

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

[valdirdrummer@gmail.com](mailto:valdirdrummer@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/2034368895205414>

A filosofia estabeleceu diálogos importantes com a obra de Franz Kafka (1883 –1924), autores como Walter Benjamin (1892 – 1940) e Hannah Arendt (1906 – 1975) interpretaram os textos kafkianos em seus escritos. Dentre as importantes interpretações e análises sobre Kafka, o texto do argentino José Isaacson (1922) analisa o autor tcheco a partir de um lugar de convergência entre filosofia, poesia e crítica literária. Em meio à diversidade de saberes que Isaacson articula em seu livro, nota-se um destaque para a dimensão filosófica da obra de Kafka. Por essa razão, essa resenha privilegia este aspecto do texto de Isaacson, procurando traçar o fio de sua argumentação no que concerne a problemática da *alienação*.

O livro *La realidad metafísica de Franz Kafka* (2005) é composto por uma coletânea de ensaios que Isaacson escreveu ao longo de cinquenta anos trabalhando com os textos de Kafka. Isaacson atua na filosofia e na poesia como dissidente – não se filiou a nenhuma escola específica, mas isso não é sinal de ecletismo. A problemática da *alienação*, tema presente do desenvolvimento da obra, também é o fio condutor do pensamento de Isaacson, ele parte do seu conceito de *persona* para interpretar Kafka. Nos termos de Isaacson, a *persona* é o indivíduo não-alienado. A sua principal característica é que ele “se define pelo diálogo” (ISAACSON, 2012, p. 204)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>“definirse por el diálogo”



O ato de dialogar consistiria numa maneira de escapar da condição de homem-objeto, isto é, de ser reduzido a uma perspectiva unilateral. Deste modo, Isaacson propõe o diálogo como resistência à *alienação contemporânea* (ISAACSON, 2012, p. 204-205). No livro em questão, argumenta-se que a obra de Kafka consiste “na reivindicação da persona que perdeu seus perfis em uma sociedade coisificadora” (ISAACSON, 2005, p. 9).<sup>2</sup> Para sustentar esta concepção, Isaacson estabelece várias relações entre as ideias de Kafka e de filósofos modernos como Spinoza, Hegel e contemporâneos como Lukács, e debate com intérpretes da obra de Kafka.

Contudo, não há menção ao célebre livro de Gilles Deleuze (1925 – 1995) e Félix Guattari (1930 – 1992) *Kafka – Por uma literatura menor* (1975). Nota-se uma divergência entre Isaacson, que defende a busca da identidade para resistir à *alienação*, e os autores franceses, que de acordo com a noção de “literatura menor”, enfatizam que na obra de Kafka não existe sujeito, mas sim agenciamentos coletivos de enunciação, pois, “A letra K não designa mais um narrador nem um personagem, mas um agenciamento tanto mais maquínico, tanto mais coletivo na medida em que um indivíduo aí se encontra ramificado em sua solidão” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28). Ainda assim, pode-se afirmar que ambos concordam quanto ao caráter emancipatório das obras de Kafka.

Em vista disso, Isaacson defende que a obra de Kafka não pode ser reduzida a um único gênero – seja literatura fantástica ou realismo – pois se situa num plano metafísico (ISAACSON, 2005, p. 9-10). Ao recusar a dicotomia entre o *concreto* – *abstrato*, Isaacson explica que o mundo das obras de Kafka não é um mundo ficcional, mas é o próprio mundo real, cujo imaginário não pode ser excluído, visto que em ambas a narrativa se desenvolve (ISAACSON, 2005, p.23). Este é o argumento chave para o modo como Isaacson interpreta Kafka como crítico da sociedade contemporânea que denunciou o fenômeno da perda da *persona*. Segundo Isaacson, a perda da *persona* é uma forma de alienação que ocorre porque só há reconhecimento do indivíduo a partir da função que ele exerce na sociedade.

A função que cada indivíduo possui determina o modo como ele irá interagir com os outros (ISAACSON, 2005, p.18). Assim, Isaacson analisa que nas obras *O Processo* (1915) e *A Metamorfose* (1925), os protagonistas continuam se preocupando com o seu trabalho – ou seja, com a função que ocupam na sociedade – numa tentativa de conferir normalidade à situação improvável em que se encontram (ISAACSON, 2005, p. 40). Segundo o ensaísta

---

<sup>2</sup>“reivindicación de la persona que ha perdido sus perfiles en una sociedad coisificadora”



argentino, apenas o sujeito alienado de si mesmo, inconsciente de sua situação, pode fazer parte do *establishment* sem que seja molestado. Do contrário, corre o risco de ser excluído (ISAACSON, 2005, p.44).

Para Isaacson, há no pensamento kafkiano uma noção de trabalho que possui duas dimensões: uma dimensão existencial e outra social. No primeiro caso, o trabalho se apresenta como *constituidor do ser humano*, enquanto por meio dele o homem adquire lugar e uma função no ambiente em que vive. No segundo, a coincidência entre o trabalho e o sujeito faz com que o indivíduo se aliene de si mesmo: sua identidade coincide com sua profissão. Seu ser, é antes de tudo, *ser banqueiro* ou *ser caixeiro viajante*, ao invés de ser um indivíduo com aspirações e desejos próprios. Dessa forma, Kafka teria conseguido desvelar o paradigma histórico no qual se encontrava: o paradoxo está na dimensão social do trabalho que anula a individualidade enquanto insere o indivíduo na sociedade. A ambiguidade, a indecisão, nesse sentido, não seriam aspectos negativos da obra de Kafka, mas uma iluminação sobre a contemporaneidade (ISAACSON, 2005, p.147-148). Portanto, a obra de Kafka contém uma relação dialética entre alienação e libertação, escuridão e iluminação (ISAACSON, 2005, p.151).

Para Isaacson, as metáforas presentes em Kafka também apresentam uma dialética entre esperança – por meio da escrita – e desespero – em vista da impossibilidade de iluminar os aspectos obscuros da realidade. A lucidez que torna a realidade perceptível também a torna dolorosa (ISAACSON, 2005, p.181). Segundo Isaacson, Kafka escreve sobre a atual condição humana, onde o homem aparece dessacralizado por imposições políticas e econômicas, tornado objeto que pode ser manipulado (ISAACSON, 2005, p. 221-222). Nos momentos finais, Isaacson apresenta o que julga constituir uma ética no pensamento de Kafka, cujo principal elemento seria o Amor. O Amor como busca de reconhecimento do outro consistiria, assim, numa alternativa de liberação do arranjo social que ocasiona a *alienação* (ISAACSON, 2005, p.217-218).

Apesar do caráter filosófico que Isaacson extrai das obras de Kafka, ele adverte que o autor de *O Castelo* não foi um teórico, mas um escritor do realismo metafísico (ISAACSON, 2005, p. 126). Segundo Isaacson, Kafka emprega uma linguagem cotidiana, contrariando movimentos artísticos como o surrealismo. Nós, pelo contrário, concordamos com Polyana Tidre ao explicar o conceito de “literatura menor” em Deleuze e Guattari. Se em Kafka há um registro precário da linguagem, é porque ela já não se baseia em formas instituídas, constituindo-se como nova forma de expressão que é eminentemente política, emancipatória



(TIDRE, 2012, p. 107). Ao considerar a análise de Isaacson dos diários de Kafka, é possível afirmar que o ensaísta argentino extraiu considerações poéticas ao lado das filosóficas, algo que talvez não seja favorável para sua interpretação.

A fluidez poética do estilo de Isaacson parece prejudicar o rigor de algumas demonstrações. Ao lado dessa característica, a estratégia do autor de dar conta da totalidade da obra de Kafka num livro relativamente breve talvez não tenha contribuído com esse aspecto. Mas isso não implica que o livro não aprofunde as problemáticas do pensamento kafkiano, pois as constantes relações e aproximações que estabelece entre o escritor e outros pensadores denotam a riqueza dessas articulações. Por fim, pode-se afirmar que Isaacson não malogra ao propor uma interpretação da obra de Kafka. O pesquisador argentino consegue mostrar a atualidade do pensamento kafkiano. O leitor pode encontrar no livro de Isaacson várias indicações de caminhos para estudo e interpretação da obra de Kafka.

## **Referências**

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Kafka – Por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ISAACSON, José. *La Realidad Metafísica de Franz Kafka*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

ISAACSON, José. Homenaje a José Isaacson y su palabra personalizadora. [Entrevista cedida a] Hebe Beatriz Molina. *Revista de Literaturas Modernas*, Mendonza, n42. jan. 2012. Disponível em: <[https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos\\_digitales/5853/14molina-rlm42.pdf](https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/5853/14molina-rlm42.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2021.

TIDRE, Polyana. Littérature et émancipation politique à travers la déterritorialisation. *Interpretationes – Studia Philosophica Europeanea*, v. 2, p. 103-119, 2012.

**Recebido: 06-12-2020**

**Aceito: 17-05-2021**